

Luiz Guilherme Piva*



Economia, política e seleção brasileira

Reputação é forma de remuneração. Se é insuficiente, não atrai os melhores

Como é sabido pelos torcedores brasileiros, seleção adversa é o fenômeno de reunião, num determinado mercado, em certas condições, dos indivíduos ou bens ou serviços de menor qualificação ou de maior risco do ponto de vista dos seus contratantes.

Na teoria econômica é assim: entre duas partes envolvidas num contrato (comprador e vendedor, acionista e gestor, agência reguladora e órgão regulado, torcida e time, etc.), a assimetria de informações gera distorções nos preços (ou nas remunerações e reputações) que atraem para o negócio os piores bens, clientes ou profissionais e expulsam os melhores, que se recusam a participar do mercado dado o preço ou o risco envolvido.

O exemplo maior é o do carro usado. O vendedor sabe se seu carro é bom ou ruim. O comprador, não. Por isso, este se dispõe a oferecer pouco para adquirir um usado, mesmo que ele tenha acabado de sair da concessionária. Ou: é por isso que aceita pagar bem mais por um zero quilômetro em relação a um seminovo. As garantias e a procedência dão segurança. O usado — mais ainda o seminovo —, ao contrário, gera desconfiança acerca dos motivos da venda. Daí que se rebaixe o preço ofertado pelos compradores.

O resultado é que, num dado nível de preços, avaliado como muito baixo, os donos de carros bons não se dispõem a vendê-los. O mercado fica dominado por carros ruins, para os quais o preço está em bom nível. A isto se denomina seleção adversa: foram escolhidos os piores. E, para piorar, como predominam

carros ruins no mercado, o preço tende a diminuir ainda mais. Imóveis e outros ativos estão sujeitos a esse processo.

Bancos correm este risco ao impor altas taxas de juros e exigências duras em termos de garantia e execução de dívidas: os tomadores de boa condição, zelosos de seu nome e de seus recursos, se retiram. Ficam os que precisam muito de dinheiro e oferecem menor segurança, o que aumenta o risco e a incidência de calotes, o que faz subir as taxas de risco, e isso atrai de novo os piores, e sobem os juros, e por aí vai. Pensem na clientela dos agiotas, por exemplo.

Salários também podem gerar essa distorção. Num dado patamar, avaliado como baixo pelos mais qualificados e que têm chances alternativas, afastam-se os bons profissionais e atraem-se os piores. Sem generalizar, é um fenômeno detectável em áreas do serviço público e em muitos setores da universidade.

E há o caso dos planos de saúde. A partir de um certo nível de preço, ele atrai muito mais as pessoas doentes do que as saudáveis. Como os doentes usam muito mais o plano, o preço tem de subir para fazer frente aos custos, o que afasta ainda mais os que estão bem de saúde e avaliam que não vale a pena arcar com tal despesa. Is-

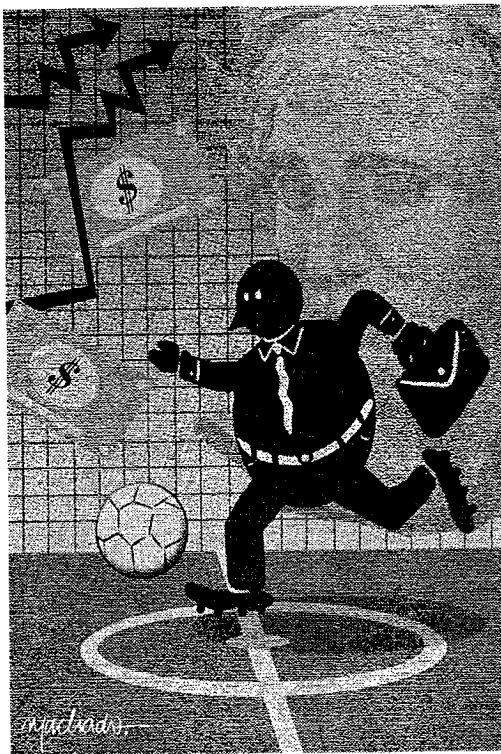
so eleva de novo os custos. No limite, o plano terá que praticar preços tão altos que nem os doentes aceitarão pagá-los.

Agrava o quadro outra circunstância. Para evitar o uso abusivo do plano e barateá-lo um pouco, cobra-se, coerentemente, a co-participação do segurado, que é uma taxa por consulta, exame ou outro procedimento. Mas também isso afasta os que se acham bem de saúde e

melhor forma. Isso pode ocorrer na política. Se a atividade gera mais desgaste do que benefícios, não compensa, para os mais íntegros, se dedicar a ela. Para os que se preocupam menos com a reputação ou vêem nos benefícios disponíveis uma boa paga, a política segue sendo um mercado atrativo. Daí que pode ocorrer de parlamentares, ministros e outros serem predominantemente cidadãos abaixo de qualquer suspeita — o que só faz piorar a reputação da atividade e o círculo vicioso.

Reputação também pode pesar na decisão de aceitar participar de outros grupos. O da seleção de futebol, por exemplo. O desgaste quase certo junto à crítica e ao público, o risco de se contundir e o pouco peso relativo de certas competições podem levar os melhores jogadores a se resguardar e a preferir não participar do escrete. Isso abre espaço para jogadores menos qualificados ou que têm menor reputação a pôr em risco ou para os quais o benefício de vestir a camisa da seleção por alguns minutos vale como trampolim incomparável. O resultado é o ajuntamento de jogadores menos qualificados.

Mas que, diferentemente do que ocorre na economia e na política, em que o resultado do processo será sempre danoso, são capazes de golear a Argentina exatamente para provar que merecem respeito dos adversários, dos torcedores e daqueles mais qualificados que declinaram de participar. Neste caso, bendita seja a seleção adversa!



avaliam que o custo do plano não compensa. E, perversamente, intimida a prática de consultas e exames preventivos (que diminuiriam doenças de tratamento mais caro) e aumenta o uso curativo, mais caro e alimentador da seleção adversa.

Reputação é uma espécie de remuneração. Se avaliada como insuficiente para o exercício de uma atividade, não atrairá os que a poderiam desempenhar da

* Economista e doutor em Ciência Política, é diretor da Stratus Investimentos. Próximo artigo do autor em 31 de julho